



À sombra dos Pinheirais

A fria e úmida noite de inverno, trazia consigo sobre o dorso de um cavalo negro e cansado, um corpo masculino frágil e tombando hora para a direita hora para a esquerda, conforme o balanço dos passos meio arrastados, de um animal a beira da morte por esgotamento. Ao longe, uma luz fraca e tremula, anima o cavaleiro a prosseguir, mas o animal parece não ter mais forças para continuar. Num último esforço, o homem bate no dorso do animal e balbucia algumas palavras de incentivo. --Vamos amigo, falta pouco, muito pouco... Suas últimas palavras antes de desfalecer e dubraçar-se sobre o cavalo como quem se agarra a vida num pequeno fio de esperança. Os latidos dos cães, fazem o cavalo parar no meio de um terreno a poucos metros da casa de onde a luz saia pela fresta da porta.

Com a algazarra dos cães, um home se levanta, e armado da espingarda, arreda um pouco a porta, e grita a todo pulmão: --Quem esta ai? Ninguem responde, e ele grita novamente. --Se não responder vou atirar.

Poucos segundos se passam, e a seu lado já se encontram, sua esposa, e sua filha mais velha, curiosas e aprensivas, pois quase nada de incomum acontece por aquelas redondezas. Pouco dava para ver, a não ser a imagem de um cavalo, que se desvencilhava dos cães, pisoteandos, e enfraquecido tomba com o cavaleiro.

Com o lampião em uma das mãos e a espingarda engatilhada em outra, o homem sai da casa acompanhado pelas duas mulheres, e aos gritos com os cães, espanta-os e aproxima-se do animal, o qual julga estar doente e perdido. Ao melhor iluminar o local, depara-se com uma cena estranha, cavalo e cavaleiro parcialmente desfalecidos, apenas os bufos de cansaço percebe-se do animal.

- Nossa senhora, tem um homem caído embaixo do cavalo, grita a senhora desesperada, enquanto a garota espanta os cães para longe.

-Calma; vamos ver quem é, brada o homem já deixando a espingarda ao chão e agachando-se para ver se identifica o homem.

- Nunca o vi por aqui, e parece ser um jovem ainda, balbucia enquanto confere a respiração fraca e meio gemida do rapaz.
- Vamos leva-lo para dentro, brada a mulher, com ar de desespero.
- Acho melhor colocar no paiol, não sabemos quem é, diz o homem com voz firme, e com tapas de incentivo em seu dorso, consegue levantar o animal, e o rapaz fica deitado ao chão e percebe-se um leve gemido.
- Pode me dizer seu nome, o que aconteceu? Pergunta o homem com curiosidade. Sem resposta, agarra o jovem, joga-o sobre seu ombro esquerdo, caminha alguns passos, e deita-o no paiol, forrado de feno e palha de milho.
- Ele está com muita febre, brada a mulher já com a palma da mão sobre a testa do rapaz.
- Vá até a cidade e traga o Doutor Mateus, rápido, brada a mulher novamente, com um certo desespero na voz.
- Nem sabemos quem é, e não vou deixar vocês sozinhas com este homem, retruca.
- Por favor Estevão, ele está doente, e vamos ficar

bem; diz com voz mansa e suave a senhora, com a mão direita sobre o ombro do marido.

- Traga o cavalo para dentro, e de-lhe agua e comida, enquanto vou buscar o Doutor Mateus, pede a filha, que até aquele momento, apenas observava a cena, sem muito participar.

Após encilhar um cavalo, Estevão pede que as duas fiquem longe do homem até ele voltar, e que fiquem atentas se ele esboçar alguma reação.

- Fiquem com a espingarda, brada, enquanto monta e sai apressadamente, levando consigo o seu fiel cão da raça pastor alemão, de nome Sachsa.

- Mariza, grita a mulher a garota, traga agua morna e panos limpos, vamos fazer compressas na testa para baixar esta febre...

Já passava das 5 horas da manhã quando Estevão e o doutor Mateus retornam ao sítio. O frio da madrugada, por volta de 0 graus, já começava a cristalizar as gotas de orvalho, fazendo a geada ir semeando a brancura pelos gramados, e congelar a agua dos cochos dos animais.

Ao examinar o rapaz, Doutor Mateus com larga

larga experencia em doenças causadas pelo frio e a umidade, deu seu veridito:

- Ele está com febre de 39 graus e pneumonia nos dois pulmões. Esta vivo ainda por muita sorte. Vou aplicar penicilina e vamos torcer para esta febre baixar, - falou em tom desafiador. Vocês sabem quem é, de onde veio? perguntou enquanto levantava.

-Não sabemos quem é, nunca o vimos, retrucou Estevam.

-Eu vou ferver a seringa e a agulha para a injeção no fogão, e enquanto isto deem um olhada em seus pertences para ver se descobrem quem é, falou apontando para Etevam.